

Tecnologias de mobilidade no Fantástico: As práticas jornalísticas do Show da Vida nas coberturas internacionais¹

Kauã Phillipe dos Santos da COSTA²
Francisco das Chagas SALES JÚNIOR³
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - Unifesspa

RESUMO

Este trabalho buscou analisar o uso das tecnologias de mobilidade para a produção de notícias no Fantástico, da TV Globo. Para isso, realizou um estudo de caso de reportagens do programa nos anos de 2023 e 2024, por meio de consultas ao Globo Play e a sites oficiais da emissora, além de uma revisão bibliográfica sobre a temática. O estudo contou com as contribuições de Canavilhas (2021), Firmino (2013), Sales Júnior e Kneipp (2023), Cavalcanti e Gomes (2023), entre outros. A investigação se justifica pela necessidade de identificar a utilização dos dispositivos móveis no telejornalismo, possibilitando compreender o papel dessas tecnologias nas produções televisivas.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo Audiovisual; Jornalismo Móvel; Televisão; TV Globo; Fantástico.

INTRODUÇÃO

Criado em 1973, o Fantástico surge com a proposta de levar ao telespectador uma revista eletrônica nos domingos à noite, onde mistura variados gêneros, tais como jornalismo, entretenimento, esportes, comportamento, entre outros. Com um formato inovador e dinâmico, a atração tinha como característica principal a sua abordagem jornalística aprofundada, com mais de duas horas de duração, que contava com reportagens factuais, mas também as de cunho investigativo e de impacto social (Memória Globo, 2021). O programa surge em uma fase do telejornalismo denominada

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Jornalismo Audiovisual, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025

² Estudante do 7º período do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: kauaphillipe@unifesspa.edu.br

³ Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: jornalistafranciscojunior@gmail.com

por Silva (2018) de Telejornalismo Reportado, quando os repórteres ganham as ruas e as produções jornalísticas para a TV se profissionalizam.

No decorrer dos anos, o programa ganhou notoriedade pela cobertura de crises e conflitos internacionais, como guerras, desastres naturais e crises humanitárias, permitindo ao público brasileiro acessar informações detalhadas sobre questões globais. Ainda sobre as coberturas internacionais, a diversidade de notícias é um dos pilares do semanal e é levado ao ar desde conflitos e catástrofes naturais até tendências culturais e descobertas científicas, através dos correspondentes em diversos países. O programa se destaca não apenas pelo entretenimento, mas também por seu compromisso com a informação e a investigação jornalística, autenticando-se como um dos principais veículos de comunicação da televisão brasileira (Memória Globo, 2021).

Nesse contexto, este estudo partiu do questionamento: como a mobilidade da tecnologia influencia na cobertura internacional? A partir desta pergunta-chave, outras inquietações surgiram: como os dispositivos móveis têm sido utilizados no programa? Como as mudanças tecnológicas influenciam na construção das narrativas audiovisuais? Esta investigação se justifica pela necessidade de compreender como se configura o jornalismo audiovisual contemporâneo.

METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo do presente trabalho, foi utilizado um estudo de caso do programa selecionado e buscou-se a partir disso entender como a tecnologia tem colaborado no desenvolvimento das coberturas jornalísticas internacionais do Fantástico. Para isso, foram analisadas edições do Fantástico exibidas em 2023 e 2024 e um episódio do especial de 50 anos do programa, por meio de consultas ao Globo Play e sites oficiais da TV Globo, além de revisão bibliográfica sobre a temática. Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, priorizando a interpretação dos dados coletados e levando em conta os aspectos contextuais relevantes para a compreensão do objeto de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na série dos 50 anos do Fantástico, exibida pelo programa em 2023, é citado que foi nos anos 2000 quando de fato a internet chega na rotina dos repórteres. Um dos precursores do uso da tecnologia é Zeca Camargo, que fazia o uso dela principalmente nas matérias no exterior em seus quadros de viagem como o “Mega Cidades”⁴. Camargo conta em depoimento da dificuldade que era a transmissão na época, que no tempo atual é algo inimaginável. Esse avanço tecnológico possibilitou o programa explorar novas áreas, tornando-o pioneiro no uso de novas modalidades, tais como a criação do site do Show da Vida, o primeiro programa a ter e-mail, transmissão de uma entrevista em tempo real diretamente do espaço com astronautas americanos, entre outros.

É citado também a frequência que os dispositivos móveis tiveram nas rotinas jornalísticas e como o uso dos aparelhos é um forte aliado nas produções do telejornalismo. Ao longo dos anos, aconteceu uma naturalização no uso desse tipo de material ou o que poderia ser interpretado como a abertura da ecologia vigente de produção de sentidos da televisão à sua entrada (Cavalcanti; Gomes, 2023). De certa forma, o uso do telefone celular em jornalismo na TV trouxe uma praticidade aos profissionais, principalmente aos correspondentes, que majoritariamente trabalham sozinhos nas gravações. Essa nova prática social contribuiu para o surgimento de novas construções narrativas e para a reconfiguração do jornalismo audiovisual como o conhecemos na contemporaneidade (Becker, 2016).

O uso do celular evidencia a influência do jornalismo móvel no jornalismo audiovisual como um todo. Firmino (2013) destaca a intensificação das novas tecnologias na produção de notícias e a desconstrução do trabalho jornalístico a partir dos novos dispositivos. Nesse contexto, identifica-se a prática denominada de Jornalismo de Bolso, que se caracteriza pelos materiais gravados utilizando apenas o telefone celular.

Trazendo para a realidade da televisão, Sales Júnior e Kneipp (2023) denominam de Telejornalismo de Bolso a prática de utilizar cada vez mais imagens produzidas com aparelhos celulares, tanto pelos jornalistas e produtores de TV como pelo público

⁴ Mega Cidades foi uma série de reportagens de Zeca Camargo para o Fantástico, em que o jornalista explorava algumas das maiores metrópoles do mundo. Em cada episódio, Camargo apresentava aspectos culturais, desafios urbanos e curiosidades sobre essas cidades. A série oferecia um olhar global sobre como diferentes sociedades enfrentam questões como crescimento populacional, tecnologia e infraestrutura (Memória Globo, 2021).

telespectador, na produção de reportagens e programas. No caso dos repórteres, os profissionais acabam por desempenhar sozinhos funções que antes eram realizadas por uma grande equipe. Nesse contexto, o conceito de “equipe”, a equipe formada por apenas um profissional, pode ser botado em julgamento tendo em vista que um jornalista deve-se desdobrar em posições, às quais nem sempre têm domínio, resultando no fortalecimento do que podemos chamar de precarização do jornalismo.

Por outro lado, para João Canavilhas (2021, p. 6), essa possibilidade de minimização de equipamentos faz parte de um pequeno avanço, pois viabilizou a “obtenção de imagens em espaços onde muitas vezes os jornalistas eram impedidos de levá-las” porque os dispositivos são discretos e de fácil manuseio e “tornou-se possível oferecer aos consumidores de informação perspectivas semelhantes às aquelas que têm participantes diretos em eventos”.

Essa maneira de cobertura solo, ou videoreportagens, dão dois indícios que podem ser identificados como anunciados e incorporados. A maneira anunciada se caracteriza quando a reportagem deixa marcas que o jornalista está usando um dispositivo móvel na elaboração da pauta, exemplo de Raphael Sibilla, correspondente da Globo na Argentina, que em julho de 2024 realizou a cobertura da final da Copa América e no ao vivo, estava ajustando o enquadramento da câmera e a iluminação. Já no incorporado, é quando essas marcas deixadas pelo celular não são evidentes, termo esse também utilizado pelas as autoras de normalizado, como nas matérias da correspondente na Europa, Bianca Rothier, quando transmite as articulações da sede europeia das Nações Unidas em Genebra, na Suíça.

A partir da análise do Fantástico e da revisão bibliográfica sobre a temática estudada, observou-se uma série de questões que têm uma correlação com o programa da TV Globo. Cavalcanti e Gomes (2023) discutem como a tecnologia permite uma maior interação entre os profissionais da área e os veículos de comunicação. Em primeiro momento, é tratado a respeito do termo ecologia midiática e como ele permeia as redações. No entanto, observamos que o que é exposto é a relação do telefone celular e das possibilidades de transmissão via internet na prática jornalística nas coberturas internacionais, como foi observado no programa dominical da TV Globo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises realizadas, foi possível encontrar um ponto de encontro entre os conteúdos jornalísticos das coberturas internacionais dos jornais. A tecnologia pôde possibilitar a facilidade em produzir conteúdo para a televisão, com a presença dos dispositivos móveis desempenhando esse papel. Contudo, vale ressaltar que tal normalidade de designar várias funções a um correspondente, entre elas gravar, editar e produzir uma passagem, pode acarretar em uma precarização da rotina do jornalista. Com isso, observamos que o repórter na atualidade encontra uma realidade que unicamente ele será responsável por todo o processo de criação de reportagem, ou seja, antes eram necessárias uma equipe e uma infinidade de equipamentos, que seriam necessários para a realização de uma pauta televisiva, hoje em dia basta um celular com internet para que tudo seja resolvido.

REFERÊNCIAS

BECKER, Beatriz. **Televisão e Telejornalismo**: Transições. São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2016.

CANAVILHAS, João. Epistemology of mobile journalism. A review. *In: Profesional de la información*, 2021, v. 30, n. 1, e300103. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/348588228_Epistemology_of_mobile_journalism_A_review Acesso em: 31 mar. 2025.

CAVALCANTI, Ana Carolina Vanderlei; GOMES, Isaltina Mello. As tecnologias da mobilidade e a prática telejornalística: análise dos jornais da GloboNews. *In: Na TV e em outras telas*. PEREIRA, Ariane; MELLO, Edna; EMERIM, Cárlica; FINGER, Cristiane. – 1. ed. – Florianópolis: Editora Insular, 2023, p. 23-38.

FIRMINO, Fernando. **Jornalismo Móvel Digital**: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

G1. **Fuga, perdas e incertezas: o drama de brasileiros que permanecem no Líbano**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2024/10/06/fuga-perdas-e-incertezas-a-situacao-de-brasileiros-que-permanecem-no-libano.ghtml>. Acesso em: 31 mar. 2025.

MEMÓRIA GLOBO. **Fantástico**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/noticia/historia.ghtml> Acesso em: 31 mar. 2025.

SALES JÚNIOR, Francisco das Chagas Sales; KNEIPP, Valquiria Aparecida Passos. Telejornalismo de bolso: A notícia regional de TV produzida com o celular. *In*: ANAIS DO 21º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2023, Brasília. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2023.

Disponível em:

<https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2023/trabalhos/telejornalismo-de-bolso-a-noticia-regional-de-tv-produzida-com-o-celular?lang=pt-br>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SILVA, Edna de Melo. Fases do telejornalismo: uma proposta metodológica. *In*: EMERIM, Cárlica; COUTINHO, Illuska; FINGER, Crisrtiane (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Florianópolis: Insular, 2018. p. 19-36.